ENTRE DOCUMENTOS E MEMÓRIAS: A HISTÓRIA ORAL NA RECONSTRUÇÃO DA CRIAÇÃO DE CURSOS SUPERIORES

BETWEEN DOCUMENTS AND MEMORIES: ORAL HISTORY IN RECONSTRUCTING THE FOUNDING OF HIGHER EDUCATION PROGRAMS

Letícia Ribeiro Noble[1]
Alessandro Carvalho Bica[2]
Camila Nunes Alves Centena[3]
Larissa do Prado Martins[4]

Resumo: A reconstrução histórica de cursos de ensino superior envolve a compreensão de processos institucionais que ultrapassam os registros administrativos e os acontecimentos formalmente documentados, incorporando também as experiências dos sujeitos que participaram de sua constituição. O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições da História Oral e da memória institucional para a reconstrução histórica de cursos de ensino superior, considerando as relações entre memória individual, memória coletiva e documentação histórica. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, fundamentada em produções relacionadas à História da Educação, à memória e aos procedimentos de investigação histórica. A análise foi organizada em três eixos: a memória individual e coletiva na construção das narrativas sobre o passado; a História Oral como fonte para a investigação das instituições educacionais; e a articulação entre documentos e depoimentos na reconstrução histórica de cursos superiores. Os resultados evidenciaram que as lembranças são reconstruídas a partir das experiências individuais e das relações sociais, permitindo que diferentes sujeitos atribuam sentidos distintos aos acontecimentos compartilhados. Identificou-se que a História Oral amplia as possibilidades de investigação ao incorporar experiências, relações e interpretações que nem sempre são preservadas nos documentos institucionais. A articulação entre fontes orais e documentais permite compreender tanto os processos formais de criação e organização dos cursos quanto as experiências vividas por seus participantes. Conclui-se que a História Oral contribui para a reconstrução das trajetórias institucionais ao reconhecer a participação dos sujeitos na constituição da história educacional, favorecendo a preservação de memórias e a construção de interpretações históricas que considerem a diversidade de experiências e perspectivas.

Palavras-chave: História Oral; Memória Institucional; História da Educação.

[1] Mestranda em Ensino pela Universidade Federal do Pampa. leticiarnoblee@gmail.com
[2] Doutor em Educação. Docente no Programa de Pós Graduação em Ensino na Universidade Federal do Pampa. alessandrobica@unipampa.edu.br
[3] Mestranda em Ensino pela Universidade Federal do Pampa. camilacentena@unipampa.edu.br
[4] Doutoranda em Ensino pela Universidade Federal do Pampa. larissamartins@unipampa.edu.br

Abstract: The historical reconstruction of higher education programs involves understanding institutional processes that extend beyond administrative records and formally documented events, also encompassing the experiences of individuals who participated in their establishment. This study aimed to analyze the contributions of Oral History and institutional memory to the historical reconstruction of higher education programs, considering the relationships between individual memory, collective memory, and historical documentation. This qualitative, exploratory study was conducted through a narrative literature review based on publications addressing the History of Education,memory, and historical research methods. The analysis was organized around three themes: individual and collective memory in the construction of narratives about the past; Oral History as a source for investigating educational institutions; and the relationship between documents and oral testimonies in the historical reconstruction of higher education programs. The findings indicated that memories are reconstructed through individual experiences and social relationships, allowing different individuals to attribute distinct meanings to shared events. Oral History was found to broaden the possibilities of historical investigation by incorporating experiences, relationships, and interpretations that are not always preserved in institutional documents. Combining oral and documentary sources makes it possible to understand both the formal processes involved in establishing and organizing academic programs and the experiences of those who participated in them. It is concluded that Oral History contributes to the reconstruction of institutional trajectories by recognizing the role of individuals in shaping educational history, supporting the preservation of memories and the development of historical interpretations that acknowledge the diversity of experiences and perspectives.

Keywords: Oral History; Institutional Memory; History of Education.

INTRODUÇÃO

A história de uma instituição de ensino não é construída apenas por datas de fundação, documentos oficiais ou decisões administrativas. Por trás da criação de uma escola, faculdade ou curso universitário, existem pessoas que participaram de sua organização, enfrentaram dificuldades, estabeleceram relações e viveram experiências que nem sempre foram registradas formalmente. Parte dessa trajetória pode ser encontrada em atas, fotografias, correspondências e registros acadêmicos, enquanto outra permanece nas lembranças de professores, estudantes e gestores. Para a História da Educação, compreender uma instituição exige considerar essas diferentes fontes, reconhecendo que sua trajetória também é constituída pelas práticas, experiências e relações sociais desenvolvidas em seu interior (Saviani, 2007; Nascimento *et al*., 2021).

Durante muito tempo, a investigação histórica da educação esteve concentrada em acontecimentos oficiais, reformas educacionais, legislações e trajetórias de instituições e personalidades. A ampliação dos objetos de estudo

da História da Educação permitiu incorporar questões relacionadas ao cotidiano escolar, às práticas pedagógicas, às experiências dos sujeitos e às formas pelas quais determinadas instituições foram constituídas e transformadas. Essa mudança também ampliou o conjunto de fontes utilizadas pelos pesquisadores, possibilitando que documentos pessoais, fotografias, registros institucionais e narrativas orais fossem considerados na compreensão dos processos educativos (Xavier; Fialho; Vasconcelos, 2018; Chartier, 1990).

Essa perspectiva é particularmente importante para a investigação de cursos de ensino superior, cuja criação envolve processos que ultrapassam a autorização formal de funcionamento. Antes de receber seus primeiros estudantes, um curso precisa ser planejado, organizado e integrado à estrutura de uma instituição. Sua implantação envolve decisões sobre a formação oferecida, a composição do corpo docente, os espaços destinados às atividades acadêmicas e as condições necessárias ao desenvolvimento do ensino. Entretanto, conhecer essas decisões não significa compreender integralmente como o processo foi vivido pelos sujeitos que participaram dele, pois os documentos institucionais registram determinados aspectos da realidade, enquanto outros permanecem associados às experiências e às memórias individuais e coletivas (Nascimento *et al*., 2021; Le Goff, 1990).

A memória ocupa um lugar importante nessa discussão porque permite compreender como os sujeitos recordam e interpretam acontecimentos que fizeram parte de suas trajetórias. Halbwachs (1990) explica que as lembranças individuais são construídas em relação aos grupos sociais dos quais as pessoas participam, de modo que aquilo que recordamos também está relacionado às experiências compartilhadas com familiares, colegas, professores e outros grupos de convivência. No ambiente universitário, isso significa que as lembranças de um professor sobre os primeiros anos de determinado curso não estão separadas das relações estabelecidas com seus colegas, estudantes e com a própria instituição. Essas experiências contribuem para a construção de referências coletivas que permanecem presentes mesmo após o encerramento daquele período.

Entretanto, recordar não significa recuperar o passado exatamente como ele aconteceu. As lembranças são reconstruídas a partir do presente e podem

adquirir novos sentidos conforme as experiências posteriores de cada pessoa.

Um professor que participou da implantação de um curso, por exemplo, pode recordar determinadas dificuldades de maneira diferente muitos anos depois, quando já conhece os desdobramentos daquele processo. Da mesma forma, acontecimentos que pareciam comuns na época podem passar a ser considerados importantes quando relacionados à trajetória posterior da instituição. Essa característica não retira o valor histórico da memória, mas exige compreender que os depoimentos expressam tanto experiências vividas quanto interpretações construídas ao longo do tempo (Halbwachs, 1990; Macêdo, 2016).

É nesse contexto que a História Oral se apresenta como uma possibilidade de investigação das instituições educacionais. Por meio de entrevistas, o pesquisador pode acessar narrativas de pessoas que participaram de acontecimentos e processos históricos, permitindo que suas experiências sejam consideradas na reconstrução do passado. Diferentemente de uma entrevista utilizada apenas para confirmar informações, a História Oral exige atenção à maneira como os sujeitos organizam suas lembranças, selecionam acontecimentos e atribuem significados às experiências narradas. O depoimento constitui, assim, uma fonte histórica produzida no encontro entre pesquisador e participante, cuja interpretação precisa considerar tanto o conteúdo narrado quanto as condições em que a narrativa foi construída (Alberti, 2004; Meihy; Holanda, 2007).

A contribuição dessas narrativas torna-se mais evidente quando diferentes sujeitos são convidados a recordar um mesmo processo institucional. Na criação de um curso superior, gestores podem preservar lembranças relacionadas às decisões administrativas e às dificuldades de implantação, enquanto professores podem recordar a organização das primeiras disciplinas, as condições de trabalho e as relações estabelecidas com os estudantes. Os alunos das primeiras turmas, por sua vez, podem apresentar experiências relacionadas às expectativas de formação, à estrutura disponível e ao cotidiano acadêmico. Essas diferentes perspectivas permitem compreender que a memória institucional não corresponde a uma narrativa única, mas envolve

lembranças construídas a partir dos lugares ocupados pelos sujeitos e das relações estabelecidas ao longo da trajetória da instituição (Halbwachs, 1990; Ferreira; Amado, 1996; Macêdo, 2016).

A utilização da História Oral também permite alcançar experiências que dificilmente seriam identificadas apenas por meio da documentação escrita. Uma ata pode registrar a aprovação de um projeto pedagógico, mas não necessariamente as discussões que antecederam sua elaboração ou as dificuldades enfrentadas para colocá-lo em funcionamento. Uma fotografia pode preservar a imagem de uma primeira turma, mas não revela, por si só, as expectativas e os sentimentos daqueles estudantes. Ao aproximar documentos e depoimentos, o pesquisador amplia suas possibilidades de interpretação, sem considerar que uma fonte deva necessariamente confirmar a outra. As diferenças, os esquecimentos e até as contradições entre os registros também podem contribuir para compreender como determinados acontecimentos foram vividos, registrados e posteriormente lembrados (Bloch, 2001; Le Goff, 1990; Macêdo, 2016).

No entanto, a incorporação das narrativas orais à pesquisa histórica exige cuidados teóricos e metodológicos. Não basta reunir depoimentos ou transcrever entrevistas, pois as lembranças são atravessadas por experiências individuais, relações coletivas, emoções e interpretações construídas no presente. É necessário compreender quem está narrando, qual foi sua participação no acontecimento investigado, em que circunstâncias a entrevista foi realizada e quais sentidos são atribuídos às experiências recordadas. Esse cuidado permite que a História Oral seja utilizada não apenas como instrumento de recuperação de informações, mas como uma abordagem capaz de contribuir para a interpretação das relações entre história, memória e instituições educacionais (Macêdo, 2016; Alberti, 2004; Meihy; Ribeiro, 2011).

A investigação das histórias e memórias de cursos superiores também se relaciona à preservação da memória institucional. Quando experiências permanecem restritas às lembranças individuais, parte da trajetória de uma instituição pode deixar de ser conhecida pelas gerações posteriores. A produção

de fontes orais possibilita registrar narrativas de sujeitos que participaram de diferentes momentos de sua constituição, preservando experiências que podem não estar representadas nos arquivos oficiais. Entretanto, esse processo não deve ser compreendido como a construção de uma versão definitiva do passado, mas como a ampliação das possibilidades de investigação histórica a partir de diferentes testemunhos e registros (Le Goff, 1990; Alberti, 2004; Meihy; Holanda, 2007).

Diante dessas considerações, o presente estudo tem como objetivo analisar as contribuições da História Oral e da memória institucional para a reconstrução histórica de cursos de ensino superior, considerando as relações entre memória individual, memória coletiva e documentação histórica. Por meio de uma revisão narrativa da literatura, busca-se compreender como as lembranças dos sujeitos podem contribuir para a investigação das trajetórias institucionais, quais possibilidades surgem da articulação entre fontes orais e documentais e quais cuidados devem orientar a interpretação dessas narrativas no campo da História da Educação (Macêdo, 2016; Halbwachs, 1990; Alberti, 2004; Ferreira; Amado, 1996).

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar as contribuições da História Oral e da memória institucional para a reconstrução histórica de cursos de ensino superior. Conforme Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já publicados, especialmente livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador conhecer e examinar diferentes contribuições teóricas relacionadas ao problema investigado. A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a interpretação de conceitos e perspectivas teóricas relacionados à construção da memória e à investigação histórica das instituições educacionais (Gil, 2025).

O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão narrativa da literatura, tomando como referência as produções de Gil (2019; 2025), Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Alberti (2004), Meihy e Holanda (2007), Ferreira e Amado (1996) e Macêdo (2016). A seleção das obras considerou sua contribuição para a compreensão da memória individual e coletiva, dos fundamentos da História Oral e das possibilidades de utilização de fontes orais e documentais na investigação da trajetória de instituições de ensino. Por se tratar de uma revisão narrativa, não foram estabelecidos procedimentos de busca sistemática ou critérios quantitativos de seleção das publicações.

A análise foi realizada a partir da leitura e interpretação das obras selecionadas, buscando identificar aproximações e diferenças entre as perspectivas teóricas apresentadas. Os conteúdos foram organizados em três eixos: a memória individual e coletiva na construção das narrativas sobre o passado; a História Oral como fonte para a investigação das instituições educacionais; e a articulação entre documentos e depoimentos na reconstrução histórica de cursos de ensino superior. A discussão foi desenvolvida de maneira interpretativa, relacionando os conceitos identificados às possibilidades e aos cuidados metodológicos envolvidos na investigação histórica das instituições educativas (Gil, 2019; Alberti, 2004; Macêdo, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura permitiu compreender que a reconstrução histórica de cursos de ensino superior envolve duas dimensões que se relacionam, mas não se confundem: os acontecimentos que marcaram a trajetória institucional e as lembranças construídas pelos sujeitos que participaram desses processos. Enquanto os documentos administrativos permitem identificar decisões, mudanças curriculares, formas de organização e registros de funcionamento, as memórias oferecem possibilidades de compreender como essas experiências foram vividas e interpretadas. A História da Educação, ao incorporar diferentes sujeitos e fontes à investigação, amplia a compreensão das instituições para

além de sua estrutura formal, reconhecendo que sua história também é constituída pelas práticas, relações e experiências desenvolvidas ao longo do tempo (Saviani, 2007; Nascimento *et al*., 2021; Xavier; Fialho; Vasconcelos, 2018).

Essa compreensão é particularmente importante quando se investiga a criação de um curso universitário. A abertura de uma graduação geralmente é apresentada por meio de documentos que estabelecem sua autorização, organização curricular, corpo docente e condições de funcionamento. Entretanto, esses registros não permitem conhecer integralmente as circunstâncias em que determinadas decisões foram tomadas, as dificuldades enfrentadas pelos envolvidos ou as expectativas existentes naquele momento. A documentação institucional corresponde a uma produção histórica situada, elaborada para atender a finalidades específicas, e precisa ser interpretada considerando as condições de sua elaboração e os interesses que atravessaram sua preservação (Le Goff, 1990; Bloch, 2001).

A contribuição da História Oral aparece justamente na possibilidade de incorporar as experiências de pessoas que participaram desses acontecimentos. Alberti (2004) compreende a entrevista de História Oral como uma fonte produzida a partir do encontro entre pesquisador e entrevistado, no qual as experiências anteriores são recuperadas e organizadas por meio da narrativa. Isso significa que entrevistar um professor que participou dos primeiros anos de um curso não corresponde apenas à obtenção de informações sobre disciplinas, horários ou acontecimentos institucionais. Sua narrativa também permite conhecer as relações estabelecidas naquele ambiente, as dificuldades que permaneceram em sua memória e os sentidos que atribui à experiência de ter participado da formação das primeiras turmas.

Entretanto, para compreender a contribuição dessas narrativas, é necessário reconhecer como a memória se constitui. Halbwachs (1990) demonstra que as lembranças individuais não são construídas isoladamente, pois estão relacionadas aos grupos sociais dos quais os sujeitos participam. As experiências compartilhadas com familiares, colegas de trabalho, professores e

estudantes oferecem referências que influenciam a maneira como determinados acontecimentos são recordados. No contexto universitário, essa relação pode ser observada nas lembranças de pessoas que participaram de um mesmo período institucional e que, mesmo ocupando posições diferentes, compartilham referências sobre acontecimentos, espaços e experiências vividas coletivamente.

Um curso de graduação, especialmente durante seus primeiros anos de funcionamento, constitui um espaço de convivência no qual professores, estudantes e gestores participam da construção de práticas e relações que podem permanecer presentes em suas memórias. A primeira turma, os espaços utilizados para as aulas, as dificuldades de organização e os acontecimentos que marcaram o cotidiano acadêmico podem tornar-se referências compartilhadas entre aqueles que vivenciaram o período. Entretanto, essas lembranças não são necessariamente iguais, pois cada participante interpreta a experiência a partir de sua trajetória e do lugar que ocupou na instituição. Para Halbwachs (1990), cada memória individual corresponde a uma perspectiva sobre a memória coletiva, o que permite compreender a existência de diferentes narrativas sobre um mesmo acontecimento.

Essa característica impede que a memória institucional seja compreendida como uma narrativa única e homogênea. A trajetória de uma instituição pode ser lembrada de maneiras distintas por seus participantes, uma vez que suas experiências estão relacionadas às responsabilidades, expectativas e relações estabelecidas durante o período investigado. Um gestor pode recordar as negociações necessárias à implantação de determinado curso, enquanto um professor pode destacar as condições de ensino e a organização das primeiras disciplinas. Já os estudantes podem preservar lembranças relacionadas à convivência acadêmica, às oportunidades de formação e às dificuldades enfrentadas durante a graduação. Essas diferentes perspectivas contribuem para compreender a instituição como um espaço de experiências coletivas, sem desconsiderar as particularidades individuais (Halbwachs, 1990; Ferreira; Amado, 1996; Macêdo, 2016).

Outro aspecto identificado na literatura refere-se ao caráter reconstrutivo da memória. Recordar uma experiência não significa reproduzir exatamente aquilo que aconteceu, pois as lembranças são reorganizadas a partir das referências e interpretações construídas no presente. Halbwachs (1990) explica que a memória envolve um processo de reconstrução do passado, influenciado pelas experiências posteriores e pelas relações sociais que permanecem presentes na vida do sujeito. Assim, uma pessoa que participou da criação de um curso superior pode atribuir hoje uma importância diferente a acontecimentos que, na época, foram vivenciados como situações comuns do cotidiano institucional.

Essa compreensão modifica a maneira como os depoimentos devem ser interpretados. Quando um professor recorda os primeiros anos de sua atuação em determinada graduação, sua narrativa pode reunir acontecimentos efetivamente vivenciados, avaliações construídas posteriormente e sentimentos associados àquela experiência. O tempo transcorrido pode alterar a importância atribuída a determinadas situações, favorecer o esquecimento de alguns episódios e contribuir para a valorização de outros. Essas características não tornam o depoimento inadequado para a investigação histórica, mas demonstram a necessidade de compreender a memória como uma construção produzida na relação entre passado e presente (Macêdo, 2016; Halbwachs, 1990).

A relação entre lembrança e identidade também contribui para compreender as narrativas produzidas pelos sujeitos. Macêdo (2016), ao discutir as contribuições de Thomson (1997), apresenta a narrativa sobre o passado como uma forma pela qual o indivíduo interpreta sua própria trajetória e estabelece relações entre aquilo que viveu e a maneira como se reconhece no presente. No caso de professores que participaram da implantação de um curso superior, recordar aquele período pode envolver não apenas acontecimentos relacionados ao trabalho docente, mas também o reconhecimento de sua participação em um projeto institucional que passou a integrar sua trajetória pessoal e profissional.

Essa dimensão evidencia que as memórias educacionais não são constituídas exclusivamente por acontecimentos administrativos ou acadêmicos. Elas também envolvem sentimentos de pertencimento, vínculos construídos com colegas e estudantes, experiências de realização profissional e situações que marcaram a relação dos sujeitos com a instituição. Macêdo (2016) destaca que a memória precisa ser compreendida considerando as emoções e vivências que acompanham sua reconstrução. Dessa forma, sentimentos expressos durante uma entrevista não devem ser tratados como elementos que comprometem a validade da fonte, mas como aspectos que podem contribuir para compreender os significados atribuídos às experiências narradas.

A distinção entre diferentes formas de memória também auxilia na compreensão das experiências recuperadas pelos participantes. A partir das contribuições de Bergson (1999), apresentadas por Macêdo (2016), é possível diferenciar a memória-hábito, relacionada às práticas incorporadas pela repetição, da imagem-lembrança, associada a acontecimentos particulares. Na investigação histórica de um curso superior, essa distinção permite considerar tanto as lembranças de situações específicas, como a primeira aula ou a chegada de determinada turma, quanto as recordações relacionadas às práticas cotidianas, às rotinas de ensino e às relações estabelecidas durante o funcionamento da instituição.

As lembranças do cotidiano possuem relevância porque permitem aproximar a investigação histórica das práticas que caracterizaram a experiência educacional. A organização das aulas, a utilização dos espaços, as relações entre professores e estudantes e as formas de participação na vida acadêmica constituem aspectos que nem sempre aparecem de maneira detalhada nos documentos administrativos. Ao incorporar essas experiências, a pesquisa histórica amplia suas possibilidades de compreender como determinada instituição funcionava e como suas práticas foram construídas e transformadas ao longo do tempo (Chartier, 1990; Faria Filho, 2016; Macêdo, 2016).

A análise também demonstrou que a utilização da História Oral exige atenção à maneira como as entrevistas são planejadas e conduzidas. Não basta

formular perguntas destinadas à recuperação de datas e acontecimentos, pois esse procedimento pode limitar a narrativa à confirmação de informações previamente conhecidas. Alberti (2004) destaca a importância da preparação da entrevista e do tratamento posterior do depoimento, reconhecendo que a produção da fonte oral envolve escolhas metodológicas que interferem nas possibilidades de investigação. A utilização de questões abertas permite que os participantes desenvolvam suas lembranças, apresentem acontecimentos que consideram importantes e estabeleçam relações entre diferentes momentos de suas trajetórias.

A condução da entrevista também exige reconhecer que nem todas as lembranças surgem de maneira organizada ou cronológica. Determinados acontecimentos podem ser recordados a partir da menção a uma pessoa, a um espaço ou a uma experiência que permaneceu associada à trajetória do participante. O pesquisador precisa considerar essas características e permitir que a narrativa se desenvolva sem impor uma sequência rígida de acontecimentos. Conforme discutem Meihy e Holanda (2007), a História Oral envolve não apenas procedimentos técnicos de entrevista, mas também reflexões sobre memória, identidade e produção de narrativas, exigindo uma postura de escuta e interpretação coerente com a natureza da fonte.

Outro resultado da revisão refere-se à necessidade de compreender que a História Oral não deve ser utilizada exclusivamente para preencher lacunas da documentação escrita. Embora os depoimentos possam contribuir para esclarecer acontecimentos pouco registrados, sua principal contribuição também está na possibilidade de conhecer as experiências e interpretações dos sujeitos. Macêdo (2016) ressalta que o contato com a documentação oral amplia a compreensão dos significados atribuídos aos acontecimentos, permitindo que a investigação histórica ultrapasse a identificação de fatos e incorpore as relações estabelecidas entre os indivíduos e os espaços educacionais.

Essa perspectiva possui consequências para a articulação entre fontes orais e documentais. Uma ata institucional pode registrar a decisão de criar determinado curso, enquanto os depoimentos dos participantes podem

apresentar as expectativas, dificuldades e discussões que acompanharam sua implantação. Da mesma forma, um projeto pedagógico pode demonstrar como a formação foi planejada, enquanto as lembranças de professores e estudantes permitem compreender aspectos relacionados à sua realização cotidiana. O diálogo entre essas fontes possibilita examinar diferentes dimensões do processo histórico, sem estabelecer uma hierarquia automática entre os registros escritos e as narrativas orais (Bloch, 2001; Le Goff, 1990; Alberti, 2004).

A documentação histórica também precisa ser interpretada criticamente, pois não constitui um registro neutro dos acontecimentos. Le Goff (1990) compreende o documento como uma produção relacionada às condições históricas de sua elaboração e preservação, destacando que aquilo que permanece disponível ao pesquisador resulta de processos de seleção. Bloch (2001), por sua vez, chama atenção para a necessidade de interrogar os testemunhos e confrontar diferentes evidências, reconhecendo que a investigação histórica não pode se limitar à reprodução das informações encontradas nas fontes. Esses pressupostos permitem compreender que tanto os documentos quanto os depoimentos exigem procedimentos de análise relacionados às suas particularidades.

Quando diferentes fontes apresentam informações divergentes, a tarefa do pesquisador não consiste necessariamente em escolher uma versão e descartar as demais. As diferenças podem indicar perspectivas distintas sobre um acontecimento, experiências vividas em posições institucionais diferentes ou interpretações construídas posteriormente. Um processo apresentado nos documentos oficiais como uma decisão administrativa pode ser lembrado pelos participantes a partir das dificuldades enfrentadas, das relações estabelecidas ou das expectativas existentes naquele momento. Investigar essas diferenças contribui para compreender como os acontecimentos foram registrados, vividos e reinterpretados ao longo do tempo (Ferreira; Amado, 1996; Macêdo, 2016; Le Goff, 1990).

A importância de considerar diferentes depoimentos também aparece nas discussões sobre memória coletiva. Ao reunir narrativas de pessoas que

participaram de um mesmo processo institucional, torna-se possível identificar acontecimentos frequentemente recordados, experiências particulares e aspectos que aparecem de maneira contraditória entre os participantes. Macêdo (2016) destaca a necessidade de incorporar múltiplas vozes à investigação histórica, reconhecendo que um mesmo acontecimento pode ser pensado e vivido de formas distintas. Essa orientação permite evitar que a história de um curso superior seja reconstruída exclusivamente a partir das lembranças de seus dirigentes ou de sujeitos que ocuparam posições de maior visibilidade institucional.

A inclusão de professores, estudantes e gestores amplia a compreensão da trajetória institucional porque permite observar como diferentes grupos participaram de sua construção. Entretanto, reunir múltiplos depoimentos não significa produzir uma narrativa em que todas as lembranças devam coincidir. As aproximações e diferenças entre os relatos constituem elementos de análise, pois revelam como determinados acontecimentos permaneceram presentes na memória dos participantes e quais experiências adquiriram maior importância para cada grupo. A relação entre memória individual e coletiva, conforme discutida por Halbwachs (1990), oferece fundamentos para compreender essas particularidades sem desconsiderar as experiências compartilhadas.

Os esquecimentos e silêncios também integram esse processo. Nem todos os acontecimentos permanecem presentes nas lembranças dos sujeitos, assim como nem todas as experiências são preservadas nos arquivos institucionais. A memória coletiva mantém relações com aquilo que continua fazendo sentido para determinado grupo, enquanto a documentação histórica resulta de condições específicas de produção e conservação. Dessa maneira, a ausência de determinada experiência em um depoimento ou documento não permite concluir automaticamente que ela não ocorreu. Cabe ao pesquisador examinar essas ausências considerando o conjunto das fontes disponíveis e as circunstâncias de sua produção (Halbwachs, 1990; Le Goff, 1990; Bloch, 2001).

A preservação das narrativas orais também contribui para ampliar as possibilidades de investigação da memória institucional. Quando pessoas que

participaram da criação e dos primeiros anos de um curso compartilham suas lembranças, experiências anteriormente restritas à memória individual passam a integrar um conjunto de fontes que pode ser consultado e interpretado historicamente. Esse registro não transforma o depoimento em uma versão definitiva do passado, mas permite preservar perspectivas que poderiam deixar de ser conhecidas pelas gerações posteriores. A História Oral contribui, portanto, tanto para a produção de fontes quanto para a ampliação das possibilidades de compreender as trajetórias de instituições educacionais (Alberti, 2004; Meihy; Ribeiro, 2011; Macêdo, 2016).

Considerando o conjunto das discussões, compreende-se que a reconstrução histórica de cursos de ensino superior exige ultrapassar a descrição de seus marcos institucionais. A criação de uma graduação envolve decisões, sujeitos, experiências e práticas que podem ser investigados a partir de diferentes registros. A articulação entre História Oral, memória individual, memória coletiva e documentação histórica permite reconhecer que a trajetória de uma instituição não está preservada integralmente em uma única fonte, mas precisa ser interpretada a partir das relações entre os vestígios disponíveis e as narrativas daqueles que participaram de sua construção (Saviani, 2007; Halbwachs, 1990; Le Goff, 1990; Alberti, 2004).

A revisão evidencia, assim, que a principal contribuição da História Oral para a investigação das instituições educacionais está na possibilidade de compreender não apenas quais acontecimentos marcaram sua criação e desenvolvimento, mas também como esses processos foram vividos e permanecem presentes nas memórias dos sujeitos. Ao considerar diferentes experiências, sentimentos, interpretações e formas de recordar, a pesquisa histórica amplia a compreensão da instituição como uma construção coletiva, constituída por decisões formais e pelas relações humanas que acompanharam sua trajetória (Macêdo, 2016; Meihy; Holanda, 2007; Nascimento *et al*., 2021).

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições da História Oral e da memória institucional para a reconstrução histórica de cursos de ensino superior, considerando as relações entre memória individual, memória coletiva e documentação histórica. A partir da revisão bibliográfica, foi possível compreender que investigar a trajetória de uma instituição educacional exige ultrapassar os registros administrativos e os acontecimentos que marcaram formalmente sua criação, reconhecendo também as experiências dos sujeitos que participaram de sua constituição.

A análise demonstrou que a memória não corresponde à reprodução exata do passado, mas a um processo de reconstrução influenciado pelas experiências individuais, pelas relações sociais e pelos sentidos atribuídos aos acontecimentos no presente. Essa compreensão permite reconhecer que professores, estudantes e gestores podem apresentar lembranças distintas sobre um mesmo período institucional, sem que essas diferenças retirem o valor histórico de suas narrativas. Ao contrário, a diversidade de perspectivas contribui para compreender como determinados acontecimentos foram vividos e interpretados pelos diferentes sujeitos.

Também foi possível identificar que a História Oral não deve ser utilizada apenas como recurso para preencher lacunas existentes nos documentos escritos. Sua contribuição está na possibilidade de conhecer experiências, relações, sentimentos e acontecimentos que nem sempre foram preservados nos registros oficiais. A articulação entre fontes orais e documentais amplia as possibilidades de investigação, permitindo compreender tanto as decisões institucionais quanto as experiências daqueles que participaram de sua realização. Para isso, é necessário considerar criticamente as condições de produção de cada fonte, reconhecendo suas particularidades, aproximações, diferenças e silêncios.

No contexto dos cursos de ensino superior, essa perspectiva permite compreender que sua história não se resume à autorização de funcionamento,

à organização curricular ou à formação das primeiras turmas. A trajetória de uma graduação também é constituída pelas pessoas que participaram de sua implantação, pelas dificuldades enfrentadas, pelas relações estabelecidas e pelas experiências que permaneceram em suas memórias. Recuperar essas narrativas representa uma oportunidade de ampliar o conhecimento sobre a instituição e preservar aspectos de sua história que poderiam permanecer desconhecidos pelas gerações posteriores.

Conclui-se que a História Oral constitui uma abordagem importante para a investigação das instituições educacionais, especialmente quando articulada à análise crítica da documentação histórica. Ao reconhecer os sujeitos como participantes da construção da história institucional, torna-se possível desenvolver interpretações que considerem não apenas os acontecimentos registrados, mas também os significados atribuídos às experiências vividas. Embora limitada ao conjunto de obras examinado, a presente revisão oferece fundamentos para pesquisas futuras interessadas em reconstruir as histórias e memórias da criação de cursos superiores, contribuindo para a preservação da memória educacional e para a compreensão das instituições como construções históricas e coletivas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

FARIA FILHO, L. M. de. **Dos pardieiros aos palácios:** cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIL, A. C. **Pesquisa qualitativa básica**. Petrópolis: Vozes, 2025.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACÊDO, M. Cultura escolar e memória escolar: desafios e pressupostos da pesquisa em História da Educação. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 360-371, 2015. Publicado em 2016. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/4554. Acesso em: 13 jul. 2026.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, M. I. M. *et al*. **Instituições escolares no Brasil:** conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

XAVIER, L. N.; FIALHO, L. M. F.; VASCONCELOS, J. G. História da Educação: constituição histórica, objetos e perspectivas de pesquisa. **Cadernos de História da Educação**, v. 17, n. 2, p. 379-393, 2018.